



OUTRA REPRESENTAÇÃO DE MULHER EM *UMA CHAPEUZINHO VERMELHO* Another representation of a woman in *A little red riding hood*

Andreia dos Santos **OLIVEIRA**
Ensino Básico Técnico e Tecnológico
Instituto Federal de Rondônia
Porto Velho, Brasil
andreia.oliveira@ifro.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-4623-9757> 

Cyntia Graziela Guizelim Simões **GIOTTO**
Departamento de Didática
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Marília, Brasil
cyntiaunespmarilia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0620-4613> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

A literatura infantil contribui para a formação psíquica da criança, por isso proporcionar o encontro dos pequenos e das pequenas com o objeto livro literário torna-se direito fundamental da infância. Na atualidade temos à disposição uma diversidade de obras produzidas por diferentes autores e autoras. Muitas dessas são exemplos de textos intertextuais produzidos a partir de narrativas clássicas. É interessante observar as transformações sociais ocorridas nessas histórias que são contadas ao longo do tempo, nos mais distintos lugares e por diferentes escritores e escritoras. É isso que ocorre no livro ilustrado *Uma Chapeuzinho Vermelho* escrito e ilustrado pela francesa Marlonaine Leray. Conhecer essa narrativa nos levou a produzir o presente artigo, cujo objetivo é analisar a representação feminina na obra *Uma Chapeuzinho Vermelho*. Analisamos tanto os elementos verbais quanto não verbais da obra e os resultados apontam uma transformação no modo de representar a figura feminina. Se antes, nas versões clássicas, tínhamos uma menina frágil e necessitada da proteção masculina, agora invertem -se os papéis e Leray nos apresenta uma personagem decidida, forte, corajosa e astuta, capaz de superar por si só os seus problemas.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Ilustrado. *Uma Chapeuzinho Vermelho*. Representação Feminina.

ABSTRACT

Children's literature contributes to the psychic formation of the child, so providing the meeting of the little ones with the literary book object becomes a fundamental right of childhood. Currently, we have at our disposal a diversity of works produced by different authors. Many of these are examples of intertextual texts produced from classical narratives. It is interesting to observe the social transformations that occurred in these stories that are told over time, in the most different places and by different writers. This is what happens in the illustrated book *A Little Red Riding Hood* written and illustrated by the French Marlonaine Leray. Knowing this narrative led us to produce the present article, whose objective is to analyze the female representation in the work *Uma Little Red Riding Hood*. We analyzed both the verbal and non-verbal elements of the work and the results point to a transformation in the way of representing the female figure. If before, in the classic versions, we had a fragile girl in need of male protection, now the roles are reversed and Leray presents us with a decisive, strong, courageous and astute character, capable of overcoming her problems on her own.

KEYWORDS: Illustrated Book. *A little red riding hood*. Female Representation.

INTRODUÇÃO

Uma *Chapeuzinho Vermelho* é a primeira produção da escritora e ilustradora francesa Marjolaine Leray. A obra foi produzida em 2009 e publicada no Brasil, traduzida por Júlia Moritz Schwarcz, em 2012 pela editora Companhia das Letrinhas.

A obra ilustrada inova ao apresentar a figura feminina de forma distinta das versões do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho* divulgado pelos irmãos Grimm, Perrault e tantos outros(as) autores e autoras que escreveram suas versões. Ao lermos essa versão de Leray compreendemos que nela estava refletida e refratada algumas das transformações sociais referentes à representação social da mulher na sociedade. Por isso, o objetivo do artigo que se apresenta é analisar a representação feminina na obra *Uma Chapeuzinho Vermelho*. Isso porque compreendemos o quanto os textos literários são compostos por signos e como tal veiculam ideologias de seus autores, da sociedade e de uma época, portanto eles servem como base para compreender as transformações sociais ao longo do tempo.

Iniciamos o artigo refletindo sobre algumas concepções do pensador russo Volóchinov (2017), para quem a linguagem é fundamental tanto na constituição humana, quanto como instrumento de poder que veicula ideologias. Em seguida abordamos a literatura, compreendida por nós, como linguagem literária, que retrata e refrata a realidade, por isso possibilita aos leitores tanto conhecerem fenômenos da realidade, quanto mostrar as suas contradições apontando possibilidades outras, como argumentam Pasqualini e Abrantes (2013). Posterior a isso, fazemos um breve histórico das equidades¹ de gênero na literatura com base em Arguello (2005), Amaral (2004) e Bellini (2003).

Na seção dois apresentamos a definição de livro ilustrado proposto por Linden (2018) e apontamos a importância de considerar os elementos textuais e paratextuais para a construção de sentidos à obra. Em seguida, analisamos a obra *Uma Chapeuzinho Vermelho* indicando elementos que a diferenciam das versões clássicas do conto e a transformação na representação feminina. Por fim, as considerações que findam o texto.

¹ Optamos por usar o termo equidade e não igualdade porque compreendemos que: "A igualdade é baseada no princípio da universalidade, ou seja, que todos devem ser regidos pelas mesmas regras e devem ter os mesmos direitos e deveres. A equidade, por outro lado, reconhece que não somos todos iguais e que é preciso ajustar esse "desequilíbrio" (MORAGAS, 2022, on-line).

IDEOLOGIAS VEICULADAS PELOS TEXTOS LITERÁRIOS INFANTIS

Nos constituímos na e pela linguagem, advoga a Filosofia da Linguagem, isso significa que o signo é o elemento mediador por excelência. Portanto, a função da linguagem extrapola os limites da comunicação para atingir a própria constituição do sujeito. A linguagem deve ser compreendida como instrumento de poder, ela é palco em miniatura, como defende Volóchinov (2017, p. 140): “Como sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais”.

A literatura apesar de ser ficção, tem na realidade a base para a sua composição. Por isso, as obras de cunho artístico não apenas refletem mas também refratam o real. O objeto livro literário pode possibilitar às crianças tanto compreender os fenômenos da realidade a partir de seus aspectos essenciais, mostrando contradições existentes nas práticas sociais, quanto a superação da aparência desses fenômenos. O livro apresenta às crianças possibilidades outras muito aquém daquelas vivenciadas, como defendem Pasqualini e Abrantes (2013, p. 22, grifos dos autores):

Como arte, as formas literárias podem mostrar a vida real à criança a partir da produção de imagens “brilhantes” e típicas – revelando o que há de positivo, o que pode ser preservado e utilizado como modelo de imitação no contexto da atividade lúdica, e despertando repugnância e desprezo ao que deve ser eliminado ou superado na realidade. Isso permite que a criança vivencie modelos alternativos de relações sociais, na medida em que no interior das histórias existe a perspectiva de apresentar a realidade não no que é no presente, mas fundamentalmente na articulação com o que a realidade poderia ser em outro tipo de sociabilidade (PASQUALINI, ABRANTES, 2013, p. 22).

Sabemos que durante os séculos homens e mulheres desempenharam modos de ser e estar distintos na sociedade. Esses padrões associavam a mulher à figura frágil e o homem à protetora. E para além disso, Santos e Oliveira (2010, p. 12) afirmam que ao longo da história humana podemos constatar que os homens se apropriaram muito mais “[...] do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais”. As autoras defendem que este fato “[...] resulta em diferentes formas opressivas, submetendo as mulheres a relações de dominação, violência e violação dos seus direitos” (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 12).

O poder e a visibilidade não são inatos a homens e mulheres. Muito pelo contrário, são resultados de construções históricas e culturais, resultantes das relações sociais (SANTOS; OLIVEIRA, 2010). E, felizmente, após muitas e constantes lutas de

movimentos sociais por equidade de gênero, nós mulheres temos conquistado novos espaços. Esses conflitos e transformações sociais também estão representados nos textos da literatura infantil.

O histórico de desigualdade de gênero foi retratado na literatura infantil, como assevera Arguello (2005) em sua dissertação de mestrado. Durante muitos séculos, a literatura infantil perseguiu esses padrões sociais e representou homens e mulheres de maneira desigual. Enquanto os homens eram vistos como heróis com mundos a serem conquistados e vencidos, protetores, as mulheres eram caracterizadas como o sexo frágil, vítimas que aceitavam passivamente os sofrimentos impostos a elas e as que ousavam transgredir as regras eram castigadas, geralmente com a morte.

Este parece ser o caso da personagem do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*, narrado por distintas versões clássicas. Orientada pela mãe a ir à casa da avó adoentada levar um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho e comportar-se bem durante o percurso, Chapeuzinho não deveria desviar-se do caminho. Entretanto, convencida pelo Lobo que encontrou na estrada, a menina contraria as ordens materna e desvia do caminho para adentrar na floresta à procura de flores para a avó. O castigo da menina veio imediatamente, pois a avó e ela foram engolidas pelo Lobo-mau. A desobediência só não foi fatal, porque passava pela floresta um caçador que ouvindo o ronco, vindo da casa da velha senhora, estranhou, resolveu entrar na casa e abriu a barriga do terrível animal, tirando com vida a neta e a avó. Chapeuzinho foi salva por um homem e aprendeu a lição: não desobedecer a mãe: “[...] por ter desobedecido às ordens da mãe, quase morreu devorada pelo lobo. Na versão dos irmãos Grimm, a criança é apresentada aos leitores e leitoras como um sujeito a ser formado por meio do castigo, embora sempre exista uma segunda chance” (QUEIROZ; BUZAN, 2019, p. 160).

Esta narrativa contada durante séculos de forma oral e depois por meio da escrita em distintas línguas contribuiu para a constituição de muitas meninas que, ao ouvirem ou lerem a história, compreendiam a importância de obedecer aos mais velhos e internalizavam a ideia da necessidade de uma figura masculina para protegê-las do mal. Representações como essas reforçam a ideia da fragilidade da mulher:

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e outro com base em tais imagens, tão fortemente enraizadas na cultura, fica difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém se manifesta de outra maneira. (AMARAL, 2004, p. 17).

Sendo a literatura infantil constituída por linguagens, verbal e não verbal, e tendo a linguagem papel fundamental na constituição do sujeito e do mundo, estudiosas feministas, a exemplo de Bellini (2003, p. 99), têm se dedicado a investigar “[...] como a literatura, enquanto prática cultural pode estar envolvida na produção de significados e valores que mantêm as mulheres em condição de desigualdade”.

Ao mesmo tempo muitos autores e autoras têm abordado a questão feminina levando em consideração as transformações decorrentes das muitas lutas sociais para que a mulher ocupe novos espaços e direitos iguais. Isto é, os paradigmas sociais referentes à figura feminina mudam e a literatura acompanha essa evolução.

Volóchinov (2017) defende que é o meio social quem organiza qualquer enunciado dito ou escrito por um sujeito. Com isso, percebemos a influência social, do meio, do contexto, do lugar e da época em que os textos são produzidos. A versão da *Chapeuzinho Vermelho* dos irmãos Grimm foi escrita em outra época e contexto. Momentos em que predominava fortemente a ideia do patriarcado e, certamente, esses contextos influenciaram na produção desses enunciados. Com o passar do tempo, muitas outras versões das histórias foram sendo criadas e em cada uma delas é possível compreender a influência social em sua constituição.

Bellini (2003) também reconhece a influência do social na constituição dos enunciados literários e acredita que a imagem das mulheres representadas pela literatura sempre foi e continua sendo canal para disseminação de valores culturais, vistos como núcleos, e que perpetuam de geração para geração. Cada narrativa veicula ideologias tanto de seus escritores quanto da época e lugar onde foi produzida. Não há literatura sem ideologias, posto que a arte literária é composta de signos e “Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. Onde não há *signo* também não há *ideologia*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, grifos do autor).

Igualmente o livro literário infantil, composto por enunciados verbais e não verbais, está repleto de ideologias. As palavras e imagens usadas em sua composição transformam-se em signos dentro de um contexto, por isso, nunca são neutras. Volóchinov (2017, p. 181, grifos do autor) nos alerta sobre isso: “[...] nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A *palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*”. Por isso, na leitura dessas obras dialogamos com autores, autoras e suas ideologias, provenientes de suas relações sociais.

Portanto, um dos papéis dos professores e das professoras mediadores, mediadoras da leitura literária é compreender as ideologias veiculadas pelos enunciados verbais e não verbais de uma obra literária direcionada ao público infantil. Com isso não defendemos que as histórias clássicas deixem de ser lidas pelas crianças, mas é preciso problematizar as transformações ocorridas na sociedade ao longo do tempo, dentre elas a luta das mulheres pela equidade, visto que: “A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que sejam” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). As obras literárias são construídas por autores e autoras, sujeitos sociais inseridos em espaços e tempos e por isso, elas precisam acompanhar a transformação da sociedade.

A obra intertextual *Uma Chapeuzinho Vermelho* parece não ter a questão de gênero como tema central, entretanto rompe com paradigmas conservadores ao veicular uma nova representação de mulher, bem diferente da apresentada no conto clássico. Acreditamos que essa criação de Leray (2012) seja sua atitude responsiva ativa tida diante da leitura e escuta das várias versões do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*, pois “Um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição” (MAINGUENEAU 1976, p. 39 *apud* KOCK; ELIAS, 2003, p. 61).

Na construção de sentidos dessa obra é impossível não fazer conexão texto-texto com as várias versões de *Chapeuzinho Vermelho*. Inclusive a transformação evidenciada na maneira de agir da mulher é melhor compreendida se compararmos as versões. Isso é natural, diz Volóchinov (2017, p. 194), visto que: “Assim, as formas do enunciado literário - uma obra - podem ser compreendidas apenas dentro da unidade da vida literária, numa ligação inseparável com outras formas também literárias”.

Para Arguello (2005, p. 84) nem todos os autores e autoras que tratam da equidade de gênero em suas obras fazem isso de modo intencional, mas porque a escrita “[...] faz parte da trama discursiva que sustenta suas crenças e maneira de ver o mundo”. Certamente a autora de *Uma Chapeuzinho Vermelho* trouxe para os enunciados verbais e não verbais de sua obra, as suas ideologias, frutos de suas relações sociais com os outros, pessoas e livros que já leu, pois: “Cada época e cada grupo social possui o seu repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107).

Para compreendermos a representação de mulher feita por Leray em sua personagem Chapeuzinho Vermelho, é preciso buscar elementos de sua própria vida e crenças. Leray nasceu no ano de 1984, em uma pequena cidade do noroeste da França.

Mas tempos depois foi viver em Paris. Lá estudou Comunicação Visual na escola de Duperré. *Uma Chapeuzinho Vermelho* foi a primeira obra escrita e ilustrada por ela, no ano de 2009. Se nos enunciados da obra em análise estão as ideologias da autora, desvelar tal processo é essencial, como já afirmamos, ainda que seja a partir de nossas inferências, bem como refletir sobre as possíveis implicações derivadas da prática social de leitura literária de todos os signos presentes em dada atividade com o livro infantil.

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109).

Se nos constituímos nas relações de alteridade com os outros, com defende Volóchinov (2017), nas trocas estabelecidas com o outro em cotidiano mais próximo ou distante, as personagens das obras de Literatura Infantil podem ter contribuição importante na constituição da criança leitora que lê um livro no qual a personagem é forte, destemida, sagaz, capaz de resolver sozinha os seus problemas, como é o caso da Chapeuzinho Vermelho de Marjolaine Leray. Como a literatura especificamente, como outras artes e linguagens, contribui para a constituição do psiquismo infantil entendemos que esses textos devem ser apresentados às crianças:

A partir desse recurso, torna-se possível apresentar às crianças conteúdos que se contrapõem aos modelos hegemônicos a que estão expostas no cotidiano das relações sociais alienadas e alienantes, principalmente na cristalização de papéis sociais pautados pelos ideais individualistas da competição, da obediência cega e das classificações sociais estratificadas e preconceituosas (PASQUALINI; ABRANTES, 2013, p. 20).

Partindo do pressuposto do quanto a literatura contribui para a constituição do psiquismo infantil, ocupando a condição de “[...] agente formador por excelência” como garante Coelho (2000, p. 18), queremos crer que as crianças passam a ter a oportunidade de compreender as diferentes transformações e evoluções ocorridas na sociedade. Logo, na escolha de um livro, os mediadores e as mediadoras de leitura devem levar em consideração as transformações sociais refletidas e refratadas nas obras literárias. Coelho (2000) defende que ao selecionar uma obra para ser lida pela criança, o professor mediador e a professora mediadora devem reorganizar o seu próprio conhecimento e orientar-se em três direções: da própria literatura, da realidade social em que vive e da docência. Este professor, esta professora, dessa forma, precisam ponderar a respeito das inúmeras transformações ocorridas na sociedade e na literatura.

Outra representação de mulher em *Uma Chapeuzinho Vermelho*

Uma Chapeuzinho Vermelho classifica-se como livro ilustrado, pois “[...] evoca duas linguagens: o texto e a imagem” (LINDEN, 2018, p. 8). Isso significa que quando as imagens não são redundantes ao texto escrito e sim “[...] propõem uma significação articulada com o texto [...] a leitura do livro ilustrado solicita a apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado” (LINDEN, 2018, p. 8). Por isso, para atribuir sentido a essa obra em análise é preciso ler enunciados verbais e não verbais e também todos os elementos paratextuais que a compõe.

Linden (2018, p. 57) argumenta que a capa é essencial em um livro, visto que os primeiros olhares dos leitores e das leitoras são direcionados a ela. A partir dela um pacto de leitura se estabelece entre leitor, leitora e livro. As informações presentes nesse elemento paratextual contribuem para que o leitor e a leitora apreendam “[...] o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero...”. Ao ler a capa deste livro em análise percebemos tratar de uma obra intertextual do gênero conto e ainda tomamos conhecimento do estilo de ilustração: os traços são simples como se fossem rabiscos feitos por uma criança. Os rabiscos vermelhos cobrem praticamente toda a página, sobrando espaço apenas para a ilustração de Chapeuzinho Vermelho caminhando de forma altiva, sempre em frente. Nestes elementos já é possível ver diferenças com a história clássica tão conhecida por nós *Chapeuzinho Vermelho*.

Se “[...] o título antecipa necessariamente o conteúdo” (LINDEN, 2018, p. 58), o título da obra em análise nos informa que leremos uma história diferente de todas as outras. Leray acrescentou o artigo indefinido *Uma* antes do substantivo Chapeuzinho. Como acreditamos que toda escolha não ocorre por acaso, mas alinhada às intenções do autor e da autora, compreendemos que o objetivo da autora foi exatamente o de indefinir a menina, tornando-a misteriosa ao mesmo tempo que a diferia de todas as Chapeuzinhos das outras versões do conto clássico. Essa indefinição também pode contribuir para que os leitores e as leitoras se identifiquem com a personagem, pois qualquer criança em qualquer espaço do mundo pode ser aquela menina forte e destemida. A indefinição e o mistério da personagem não são evidenciados apenas no título, mas em todas as ilustrações de Chapeuzinho, pois a fisionomia revela que “[...] seu rosto é amorfo, sem marcas que sinalizem olhos e a boca [...]” (FARIAS, 2017, p. 26). Ainda na capa a ilustração da menina caminhando em frente, com o queixo erguido também representa essa coragem.

Figura 1: Capa do livro



Fonte: Leray (2012)

A capa desta obra é fundamental para compreender a narrativa, pois nela aparece Chapeuzinho saindo do meio dos rabiscos vermelhos e caminhando em frente. Ao lermos a primeira página textual percebemos que a menina sai de seu ambiente seguro, representado pelos rabiscos vermelhos para entrar no universo do Lobo, até então desconhecido para ela.

A quarta capa desta obra funciona como continuidade da narrativa. É como se o final não estivesse presente nos elementos textuais, mas neste paratexto. Na imagem presente neste momento percebemos Chapeuzinho de volta ao seu mundo vermelho. Entretanto é possível perceber que ela mudou neste retorno ao seu lar, pois na imagem presente na capa, a menina sai do seu mundo em direção ao desconhecido representado pela cor branca e agora o branco está presente dentro dos rabiscos vermelho. Percebemos, portanto, “[...] que se antes saiu do seu universo para ir ao desconhecido, evidenciado pelo espaço branco, agora traz consigo um novo mundo, o qual pode ser identificado pelo branco que está ao seu redor. Sugerindo, assim, sua conquista sobre esse lugar” (FERREIRA; QUEIROZ, 2020, p. 45). Mais uma vez, temos pistas de que a história que será lida é diferente de todas as outras versões já conhecidas, pois há a presença do seguinte enunciado verbal: “Uma Chapeuzinho Vermelho como você nunca viu” (LERAY, 2012, QUARTA CAPA). Esses enunciados podem levar os leitores e as leitoras a elaborem vários questionamentos: Por que essa Chapeuzinho é diferente? Quais as diferenças?

Figura 2: Quarta capa



Fonte: Leray (2012)

Já na primeira página textual da narrativa é possível perceber uma evidente diferença entre a história analisada e o conto clássico. Enquanto neste, havia a presença de um narrador e todo um contexto antes do encontro de Chapeuzinho com o Lobo, vários personagens coadjuvantes como é o caso da mãe, da avó e do lenhador, nesta nova versão a narrativa verbal é contada por meio do discurso direto e há a presença de apenas dois personagens: Chapeuzinho e o Lobo. Segundo Farias (2017, p. 22) uma hipótese possível para essa escolha pode estar associada “[...] ao compromisso de fazer da personagem a representação da criança autônoma, que, sem direcionamento ou conselhos prévios dos adultos, sabe, lendo o mundo que a cerca, tomar boas decisões, resolvendo, por si mesma, seus próprios conflitos”.

Na narrativa de Leray, a primeira página textual é constituída apenas de enunciados não verbais que marcam o encontro da menina com a fera. O Lobo está parado no meio da estrada com uma das mãos na cintura, em uma clara posição de espera, enquanto Chapeuzinho caminha em sua direção. Essas ilustrações iniciais revelam uma desvantagem física da menina em relação ao Lobo, pois ela é pequenina e de aparência frágil e o Lobo é grande. Essas características físicas tão distintas levam os leitores e as leitoras a fazerem conexões texto-texto com a versão do conto clássico e inferir que a pequenina menina pode novamente se dar mal nesta nova narrativa. Mas Leray parece querer mostrar que as aparências enganam.

Ainda nessa página inicial é possível inferir duas possibilidades para a narrativa, pois os leitores e as leitoras tanto podem pensar que Chapeuzinho está olhando para o chão, por isso não percebe o perigo em sua frente, fato este que a caracterizaria como ingênua e desatenta como podem inferir que ela viu o Lobo, mas não se amedrontou, visto a sua coragem. Ao ler toda a narrativa percebemos que a segunda hipótese é a mais coerente, entretanto, não é a única, visto que há tantas leituras quanto leitores e leitoras, pois os sentidos são construídos a partir das experiências e vivências de cada

sujeito. Como há na página uma linha preta simbolizando o caminho, compreendemos que o encontro dos dois personagens era inevitável, pois não havia outro caminho a ser seguido.

Na página seguinte, percebemos que a segunda inferência parece ser a mais plausível, visto que a ilustração é composta de Chapeuzinho na frente do Lobo e o animal, segurando e erguendo a menina pelos ombros, indicando que ela passou por ele e simplesmente não se importou. Neste momento, os primeiros enunciados verbais aparecem: "Ai, ai"! Essa exclamação é de Chapeuzinho que apesar da dor não se intimidou para o animal, não ficou com medo ao encontrá-lo. O fato de não parar diante dele é um elemento que pode ser compreendido como características de coragem da menina.

Na página seguinte inicia o diálogo entre a menina e o Lobo. Neste momento, percebemos similaridades com a história tradicional, pois assim como lá, na história de Leray, o Lobo pergunta para onde a menina estava indo e ela responde: "Para a casa da vovó" (LERAY, 2012, p. 3). O enunciado verbal desta página mostra o Lobo com cara de mau e ele já está com a menina erguida por uma de suas mãos. Nas páginas que se seguem, o Lobo coloca a menina debaixo dos braços e diz pra ela ir com ele. Chapeuzinho curiosa pergunta o lugar para onde estavam indo e o Lobo responde que era até a mesa.

Ao colocar a menina sobre a mesa e amarrar em seu pescoço um guardanapo, ação típica de quem vai se alimentar, mais uma vez a Chapeuzinho surpreende os leitores e leitoras por sua postura altiva. A menina está em pé sobre a mesa, cabeça erguida e questiona o Lobo: "Vamos comer?" (LERAY, 2012, p. 8). Nas páginas seguintes, o Lobo ocupa duas páginas em uma imagem sangrada, e aparece com a boca escancarada, os braços em direção à Chapeuzinho e os enunciados verbais dito por ele: "Sim! Um pedaço de carne bem vermelha e sangrenta" (LERAY, 2012, p. 10). Mas a menina de capuz vermelho não se intimida e a imagem mostra que ela deu alguns passos para trás como sinal de defesa, as mãos estão para trás e a cabeça continua erguida, indicando que ela não se amedronta, mesmo diante do que acabou de ouvir.

Figura 3: O Lobo revela o seu plano à Chapeuzinho



Fonte: Leray (2012, p. 10-11)

Percebemos uma movimentação do Lobo em direção à sua presa, visto que: “[...] o tempo, no livro ilustrado, passa da esquerda para a direita [...] Então, todo deslocamento de um personagem para a direita é favoravelmente interpretado como uma progressão” (LINDEN, 2018, p. 115). Mas não foi apenas o Lobo que se movimentou, se compararmos essas páginas com a anterior, percebemos que Chapeuzinho também se movimentou, dando alguns passos para trás com o objetivo de se afastar do animal, num evidente sinal de defesa e recusa diante da pretensão da fera.

Esses enunciados de Leray representam uma Chapeuzinho bem diferente daquela vista no conto clássico. Lá, ela submissa ao Lobo, aceita o conselho de desviar o seu caminho. Tal representatividade da mulher nas versões do conto clássico refletem os discursos da sociedade, especialmente entre os séculos XVIII e XIX, como apresenta Souza (2000, p. 114):

Os discursos produzidos a respeito das mulheres, especialmente a partir do século XVIII e XIX, tentaram posicioná-las de modo a que ocupassem um lugar de submissão e inferioridade na sociedade. Tais discursos, produzidos, nos mais diferentes campos do conhecimento, enfatizaram a argumentação de uma natureza biológica própria que, em última análise, justificava as desigualdades entre homens e mulheres.

Nas páginas que seguem, percebemos um diálogo entre o Lobo e Chapeuzinho bem similar ao conto clássico. A menina afirma que o animal possui orelhas e olhos e dentes enormes. Apesar das semelhanças do diálogo, ao contrário do conto tradicional, a menina não se amedronta ao ouvir as respostas, pelo contrário, ela se aproxima do Lobo, examina a sua boca e os dentes. Quando o animal diz que os dentes são para comê-la, a menina volta a dar passos para trás, em sinal de reprovação ao que animal pretende fazer e surpreende-o ao dizer: “Não, senhor” (LERAY, 2012, p. 24).

Nas versões do conto clássico, após responder que a boca grande era para comer Chapeuzinho Vermelho, o Lobo em seguida já pratica a ação. Nesta versão, isso não acontece, porque a menina ao usar o advérbio de negação seguido do vocativo *senhor*,

revela-se singular em relação às outras versões da personagem e questiona a autoridade, ou seja, ela não aceita o desígnio de forma passiva, mas impõe a sua vontade. Percebemos aí a característica apresentada por Coelho (2000) para personagens das obras de Literatura Infantil contemporâneas: o questionamento. Coelho defende que essa característica da nova literatura representa o repúdio ao autoritarismo e busca a liberdade para conhecer e descobrir novas realidades.

Neste momento é possível perceber uma explícita mudança no comportamento do Lobo. Ele que antes se demonstrava muito confiante, agora aparece de cabeça baixa e confuso. Parece que ele não estava preparado para aquela resposta em forma de recusa. Chapeuzinho não cedeu às suas vontades e impôs a sua. Há uma quebra de expectativa tanto para o personagem que não esperava tal atitude da menina quanto para os leitores e as leitoras que acostumados a ler clássicos, esperavam outra atitude, mais passiva da menina. O enunciado proferido pela menina:

[...] revela-nos sua face transgressora, não se deixando submeter à vontade do Lobo, negando-a com segurança e firmeza. Apenas a voz impressa no espaço em branco nos leva a entendê-lo como um lugar que está sob o controle e/ou o poder desta menina, embora seja um lugar do qual ela e o Lobo participem (FERREIRA; QUEIROZ, 2020, p. 43).

Figura 4: O Lobo revela o seu plano à Chapeuzinho



Fonte: Leray (2012, p. 12-13)

A partir desse momento a postura do Lobo muda, de altivo à cabisbaixo, demonstrando estar envergonhado diante das constatações da menina. Chapeuzinho Vermelho prossegue o diálogo de forma bem diferente das que já ouvimos nas versões clássicas. A menina afirma que o Lobo possui mau hálito deixando-o ainda mais constrangido e desarmado. Em seguida, oferece a ele uma bala. O animal aceita e agradece o doce o que nos faz compreender que o ingênuo desta história é ele. Neste momento, a menina demonstra-se ainda mais confiante e tranquila, pois se durante toda a narrativa aparecia em pé sobre a mesa, agora senta-se, cruza as pernas, olha fixamente para o lobo e ordena: “Engole” (LERAY, 2012, p, 30). Apesar de usar o imperativo, não há sinal de exclamação e sim ponto final, o que nos faz compreender que em nenhum momento houve a alteração de voz. Talvez tenha feito isso

propositalmente para que o Lobo pensasse que a ação dela em ofertar-lhe um paliativo para o hábito fosse dotado de boas intenções.

Nas páginas finais, o Lobo obedece Chapeuzinho e engole a bala, em seguida ele começa a passar mal, como se estivesse engasgado. A menina observa tudo sentada sobre a mesa e nas duas últimas páginas temos o desfecho da narrativa.

A penúltima página textual é marcada por um espaço totalmente branco e na última página aparece apenas a ilustração de Chapeuzinho e seu enunciado verbal: "Tolinho" (LERAY, 2012, p. 37). Segundo definição encontrada em dicionário: "tolo é quem não tem juízo ou inteligência, aquele que é tonto simplório ou ingênuo". Se na versão clássica a Chapeuzinho foi tola por acreditar no Lobo e seguir um caminho diferente, agora os papéis se invertem: ela mostra-se esperta e inteligente, ao contrário do Lobo que é ingênuo.

Como na página anterior, o Lobo ocupava predominantemente o lado esquerdo da página que agora aparece vazio podemos compreender que ele desapareceu, ou seja, a menina livrou-se da fera que queria comê-la. Acreditamos que como o branco simbolizava o lugar do desconhecido, moradia do Lobo, portanto como durante toda a narrativa esta é a primeira vez que a página do lado esquerdo é apresentada sem a presença de nenhum elemento verbal ou não verbal inferimos que houve a conquista do espaço pela menina e a derrota do antagonista.

Na composição de toda a obra em análise, tanto em seus elementos verbais quanto não verbais percebemos outra característica apresentada por Coelho (2000): o sistema social em transformação. Coelho diz que em consequência das muitas lutas pelo processo de libertação feminina ocorrida no início do século XX e vigente até os dias atuais, o estereótipo de família representada na literatura infantil começa a mudar. As mudanças são percebidas também nos direitos de homens e mulheres que começam a se igualar. Esse sistema social em transformação pode ser visto nas atitudes de Chapeuzinho que não se amedronta diante do perigo e usa a inteligência para vencer o mal. Agora a menina não precisa mais da figura masculina para socorrê-la. Ela percebe que ela mesma pode fazer isso.

Leray ao optar por produzir uma obra intertextual utiliza outra característica da literatura infantil contemporânea preconizada por Coelho (2000): a redescoberta do passado. Essa redescoberta tem a ver com os autores clássicos que há séculos expressaram por meio da escrita "[...] as relações essenciais do ser humano consigo mesmo, com o mundo e com os outros seres humanos". Ao fazer uma obra intertextual vemos a nova consciência do escritor, fruto de suas relações e de todas as

transformações sociais ocorridas. A intertextualidade feita por Leray em *Uma Chapeuzinho Vermelho* pode ser entendida como processo criador e nele são refletidas e refratadas as transformações de gênero vislumbrados ao longo da história.

CONCLUSÃO

A literatura é feita de ficção, mas reflete e refrata a vida real, os seus conflitos. Todas as lutas sociais de uma sociedade, suas ideologias estão representadas nas histórias infantis. Como as ideologias são diversas e mudam de acordo com o tempo, espaço e autor, autora, sempre haverá na literatura infantil enredos com:

[...] posições doutrinárias, que se objetivam nos livros como instrumento aos processos de dominação da infância e produção de passividade, conformismo e resignação na criança, e posições emancipatórias que se contrapõe aos enunciados que naturalizam e reforçam as relações de dominação, opressão e exploração entre as pessoas, situando o ser humano e a realidade como permanente processo de transformação (PASQUALINI; ABRANTES, 2013, p. 22).

Acreditamos que a obra *Uma Chapeuzinho Vermelho* ocupa posição emancipatória, pois reverte a posição de submissão ocupada pelas mulheres em muitos contos clássicos. Diante desses conhecimentos, afirmamos a necessidade dos mediadores e das mediadoras de leitura selecionarem obras “[...] que, por sua forma e conteúdo, possam efetivar-se como mediação da atividade educativa orientada à formação, na criança, de capacidades de pensamento que possibilitem a apreensão do movimento permanente e contraditório da natureza, da sociedade e do próprio pensamento” (PASQUALINI; ABRANTES, 2013, p. 22).

E ao possibilitar o acesso dessas obras às crianças que sejam criadas situações de leitura que envolvam o diálogo constante com o texto e seu autor ou autora. Que as crianças possam ser incentivadas a elaborarem muitas perguntas ao texto, fazerem inferências, visualizações, conexões com outros textos e com fatos de sua vida e do mundo. Isto é, que a leitura literária desta obra sirva como elemento formador do ser criança em formação, e para isso a leitura deve ser entendida como atividade responsiva que surge das necessidades criadas a partir de projetos pessoais de leitura de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Celena Isabel. **Representações do feminino e do masculino nas estórias infantis**. 2004. 197f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Sociologia/dissertacoes/celena.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.
- ARGUELLO, Sandra Elisa Arguello. **Dialogando com crianças sobre gênero através da Literatura Infantil**. 2005. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Educação. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Sociologia/dissertacoes/celena.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.
- BELLINI, Ana. Helena Cizotto. A representação da mulher e o ensino da literatura. In: GUILHARDI-LUCENA, M. I. (org). **Representações do Feminino**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. Teoria. Análise. Didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FARIAS, Norma Lee Pereira de. **Vozes sobre Chapeuzinho Vermelho: leitura intertextual e letramento literário na educação infantil**. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Curso Formação de Professores. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2802>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- FERREIRA, Jailma da Costa. QUEIROZ, Josefh Fernando Soares. A ilustração e a palavra: a narrativa visual de “Uma Chapeuzinho Vermelho”, de Marjolaine Leray. In: **Sociopoética**. jan.-jun./2020, n. 22, v. 1. Disponível em: <http://novo.revista.uepb.edu.br/index.php/SOCIPOETICA/article/download/261/185/903>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- KOCK, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.
- LERAY, Marjolaine. **Uma Chapeuzinho Vermelho**. Tradução. Júlia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução Dorothé de Bruchard. São Paulo: Sesi, 2018.
- MORAGAS, Vicente Junqueira. Diferenças entre igualdade e equidade. **TJDFT**. 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/diferenca-entre-igualdade-e-equidade#:~:text=A%20igualdade%20%C3%A9%20baseada%20no,preciso%20ajustar%20esse%20%E2%80%9Cdesequil%C3%ADbrio%E2%80%9D>. Acesso em: 02 out. 2022.
- PASQUALINI, Juliana Campregher; ABRANTES, Angelo Antonio. Forma e conteúdo do ensino na educação infantil: o papel do jogo protagonizado e as contribuições da

literatura infantil. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, v. 5, n. 2, p. 13-24, 2013.

QUEIROZ, Fernanda Roberta Rodrigues; BUZAN, Thales Nascimento. **Os caminhos da literatura infantil escrita por mulheres**. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/29203>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes; OLIVEIRA, Leidiana. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Kátal**, v. 13 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HqLvNHVzXPJkDYSCHsb94hP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2022.

SOUZA, Jane Felipe. **Governando mulheres e crianças**: jardins de infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

OUTRA REPRESENTAÇÃO DE MULHER EM UMA CHAPEUZINHO VERMELHO

Another representation of a woman in A little red riding hood

Andreia dos Santos Oliveira

Doutora em Educação
Professora de Língua Portuguesa e Literatura
Instituto Federal de Rondônia
Porto Velho, Brasil
andrea.oliveira@ifro.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-4623-9757>

Cyntia Graziela Guizelim Simões Giroto

Doutora em Educação
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Marília, Brasil
cyntiaunespmarilia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0620-4613>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Talles Benevides, 5734, Condomínio Residencial Jardins, casa 13, Bairro Rio Madeira. CEP: 76821-348, Porto Velho, RO, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. S. Oliveira, C. G. G. S. Giroto.

Coleta de dados: A. S. Oliveira, C. G. G. S. Giroto.

Análise de dados: A. S. Oliveira, C. G. G. S. Giroto.

Discussão dos resultados: A. S. Oliveira, C. G. G. S. Giroto.

Revisão e aprovação: A. S. Oliveira, C. G. G. S. Giroto.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 12-03-22 – Aprovado em: 30-10-22